

DE AQUARELA ATÉ A CARA DO BRASIL: UM DISCURSO POLIFÔNICO

Maria Inês GHILARDI-LUCENA
Professora no Centro de Linguagem e
Comunicação da PUC-Campinas

RESUMO

O estudo de letras de música sobre o Brasil dos anos 30 aos 90 do século XX possibilita-nos traçar um perfil do(s) sujeito(s) ali inscrito(s) e visualizar um retrato do país. O discurso polifônico conta a história da nação sob a ótica do povo, dos governantes e dos compositores.

Palavras-Chave: Discurso. Polifonia. Música. Brasil.

ABSTRACT

The study of lyrics in songs about Brazil from the 30s to the 90s, in the 20th Century, makes it possible to draw a profile of the subjects that appear there and visualize a portrait of the country. The polyphonic discourse tells the story of a nation from the point of view of the people, the rulers and composers.

Keywords: Discourse. Polyphonics. Music. Brazil.

No discurso musical sobre o Brasil, muitas vozes manifestam-se e nos possibilitam traçar um perfil do(s) sujeito(s) ali inscrito(s), bem como visualizar um retrato do país. Assim, examinamos letras de músicas de

autores brasileiros de épocas e gêneros musicais diferentes, que falam sobre o Brasil dos anos 30 aos 90 do século XX¹ objetivando compreender os sujeitos que “cantaram” suas alegrias e tristezas, bem como obter um retrato do país (seriam Brasis?) revelado por compositores brasileiros.

No recorte metodológico que propusemos está a intenção de mostrar o funcionamento do discurso, considerando suas condições de produção. Não nos detivemos no conteúdo em si das letras, mas buscamos compreender o processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos. Interessamo-nos, portanto, pela compreensão dos efeitos de sentido produzidos no leitor – supostamente o povo brasileiro – e pela história do país contada (cantada) por compositores que, ao que se pôde perceber, na maioria das vezes, tentaram unir sua voz à do povo.

Nossa proposta é apontar marcas textuais que levam à interpretação de duas canções distantes no tempo e mostrar que houve grande mudança na forma de falar sobre a nação, nesse período percorrido. Em sessenta anos, de *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso (1939) até *A cara do Brasil*, de Celso Viáfora e Vicente Barreto (1999),² saltamos de uma ingenuidade otimista ao ácido urbano que critica os detentores do poder. Do ufanismo exacerbado à constatação de enormes dificuldades a enfrentar, passamos por momentos em que muitas vozes foram abafadas ou caladas; mesmo assim, pudemos ouvi-las.

Ao falarmos em vozes estaremos, é claro, reportando-nos ao conceito de *polifonia*, em que várias vozes são mostradas, ou deixam-se “ouvir” em um texto. O conceito foi introduzido por Bakhtin e explorado por lingüistas como Ducrot, cuja teoria polifônica “privilegia a complexidade do tecido enunciativo do discurso” (Barbi, 1999: 196).

Não objetivamos discutir as implicações do conceito nas diferentes teorias que estudam o fenômeno da linguagem, nem explorar sua amplitude. Importa-nos saber que no texto ressoam vozes diferentes, pontos de vista muitas vezes opostos ou até contraditórios que se coadunam para dizer muito mais do que uma única voz diria.

Consideramos, como Bakhtin, que *tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciator, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala* (Brait, 1994: 14). Assim, encontramos algumas das vozes que se fizeram ouvir nas canções que contam um pouco da história do país, de seus problemas sociais e políticos e da força de um povo que ama sua terra. Por trás de algumas palavras, ou das palavras dos compositores,

De Aquarela até a Cara do Brasil: um discurso polifônico

muitas vezes, há um sujeito anônimo, que não pode ou não tem a oportunidade de dizer o que sente. É, em geral, a voz do povo que deseja falar sobre seu país.

A primeira canção mencionada, o samba exaltação de Ary Barroso, pioneiro no gênero, mostra um país sem problemas, sem contrastes, glorioso, em que o locutor canta, como quem está vibrando de emoção, as belezas da terra. Se nos reportarmos ao contexto brasileiro de 1939, o período do Estado Novo, poderemos imaginar que essa não é, certamente, a voz do povo crítico, consciente dos problemas da nação e descontente com o governo ditatorial. Pode ser, sim, a voz de uma camada da população que idolatrava seu governante, um Getúlio Vargas popular, o chamado “pai dos pobres”, cujo governo trouxe progressos à legislação trabalhista.

Justifica-se, na canção, a presença de palavras referentes à música e à poesia – *cantar, versos, samba, pandeiro, canção, congado, salões, amor* – e, ao mesmo tempo, um vocabulário bastante marcado pela época da composição: *bamboleio, gingar, trovador*. Elas revelam a voz dos músicos e dos poetas que trazem mais encanto ao momento e ao país. O próprio autor da letra declara:

*Fui sentindo toda a grandeza, o valor e a opulência de nossa terra.
(...) Revivi, com orgulho, a tradição dos painéis nacionais e lancei
os primeiros acordes, vibrantes, aliás, foi um clango de emoções
(Severiano e Mello, 1998: 177).*

Realmente, há a valorização da natureza e, conseqüentemente, da vida – *lua, luar, fontes, coqueiro, coco, trigo* – reforçada pelos elogios ao país – *Terra de Nosso Senhor, terra boa e gostosa, lindo, trigueiro* – que, além de *lindo*, tem fartura. Nesse mundo tão alegre – *cantar, ver, gingar, brincar* –, representado pela Bahia, a *Terra de Nosso Senhor do Bonfim*, não há espaço para problemas e preocupações.

Como em outros textos polifônicos, tem-se a impressão de ouvir o povo brasileiro cantar, despreocupado, ao lado de poetas e trovadores, que garantem o lirismo exacerbado. Têm voz, nessa canção, os escravos e seus descendentes, por meio da *mãe preta, do rei congo, do mulato inzoneiro* e da *morena setrosa*, assim como há uma voz saudosa do passado poético, a do *trovador*. Enfim, com referência aos negros e suas danças, ao respeito à tradição e à alegria desse povo, podemos dizer que a letra retrata o país do samba. Decorrencia disso, dali a alguns anos, passa a ser o país do Carnaval.

Os brasileiros, então, são homenageados com a lembrança de sua história, para que, numa tentativa de seduzir o leitor, este não possa refletir sobre a situação do Brasil de Vargas, então presidente da nação. Está aí subentendida a voz de um

governo preocupado com sua própria imagem, tanto que criou, em 1939, o “Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que, além de exercer uma rígida censura sobre a imprensa e a vida cultural, promovia um culto permanente à figura de Getúlio” (Abril, s.d.: 14). O final apoteótico “procura transmitir uma visão romântica e ufanista da realidade brasileira” (Severiano e Mello, 1998: 177-178):

*Ah esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil brasileiro
Terra de samba e pandeiro
Brasil, pra mim, pra mim, Brasil...*

O ufanismo é explorado na esfera política, principalmente em regimes totalitários. Para ocultar os reais problemas de um povo, seus governantes gastam tempo e enormes quantidades de recursos para falar das riquezas naturais, da grandeza de seus governados, de supostas conquistas alcançadas em diversas áreas.

Como o dizer tem estreita relação com o não dizer, certamente, o forte nacionalismo, no contexto político do governo de Vargas, deixa subentendida a intenção de encobrir algo nem tão glorioso nos rumos da nação. Ouviu-se falar, durante muito tempo, que essa música foi “encomendada” pelo presidente. Seria, então, a representação da voz do ditador, camuflada de poesia. A canção, de ritmo cativante, adquire, assim, ares de discurso de propaganda governamental. Sem dizê-lo, é claro.

Se essa foi ou não a intenção do autor de *Aquarela do Brasil*, não cabe ao leitor de hoje discutir, pois o texto mostra o país das maravilhas, como se pôde ver. Sabemos, entretanto, que tal samba-exaltação serviu aos interesses da ditadura getulista, que logo passou a incentivar a proliferação do gênero. O nacionalismo de Vargas coube perfeitamente nessa letra de música, que retratou as belezas do país tropical (*coqueiro que dá coco*). Intenções à parte, ela passou a representar o Brasil no exterior, tornando-se o hino de uma geração. Cantada por Cármen Miranda, correu o mundo mostrando o Brasil de um povo alegre, vibrante e orgulhoso de seu país. Passou a representar, assim, a “voz do Brasil”. Até hoje, a canção marca a presença brasileira no exterior, é claro que, mais recentemente, ao lado de novas composições.

A outra canção que analisamos, *A cara do Brasil*,³ parte de uma indagação dos brasileiros do final do século XX – *Na verdade, o Brasil o que será?* Amplia-se o espaço, em relação a letras mais antigas, como a explicar tantos lugares diferentes – *sertão, hospital, estação, favela, Brasília, bairro, Vidigal, mar, ilhas, alagado, palafita, açude, chapadão, Avenida Paulista* – que completam um enorme quebra-cabeças na formação do povo

De Aquarela até a Cara do Brasil: um discurso polifônico

brasileiro. Passando por várias regiões, o texto mostra o mar e a favela (Vidigal), Brasília e São Paulo (Avenida paulista), o sertão e o chapadão, em meio a muitos episódios políticos e sociais do país, como o problema dos garotos de rua mortos pela polícia em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro.

São citadas personalidades da história mais recente, como o Professor Darcy Ribeiro, o sociólogo e defensor dos pobres Betinho (Herbert José de Souza) e Roberto Marinho, proprietário da Rede Globo de Televisão, bem como o escultor Aleijadinho, um vitorioso, apesar das dificuldades advindas de seu estado de saúde. Além delas, há vários jogadores de futebol famosos, desde Garrincha que, com pernas tortas e pobre, foi um vencedor. Estamos falando do país do futebol. A voz de cada um deles indica que, nesta terra, coexistem diferentes opiniões e ideologias.

O *Jeca urbanóide* figurativiza, ironicamente, o contraste entre o homem rural e o urbano. A voz do homem pobre, de costumes simples, mistura-se à voz do trabalhador urbano e revela os problemas criados nas grandes cidades onde os que são de fora submetem-se aos que as conhecem e dominam bem. A voz de uns é abafada pela voz de outros.

A grande pergunta – *Qual a cara da cara da nação?* – não fica sem resposta, pois entendemos que o Brasil não é só o dos famosos, como também o dos anônimos. É o país dos contrastes, em que convivem os que vencem a partida e os que apenas jogam, como aponta o quadro a seguir:

Quadro I. Oposições em *A cara do Brasil*.

Brasil pobre	Brasil rico
o que tem sede o que vai na contramão um caboclo sem dinheiro aquele que só come com a mão o que não come o que bate tambor de lata o que bate carteira na estação o lixo que consome zero a zero parou pelo caminho professor Darcy Ribeiro, foto do Betinho trens de subúrbio da central Brasil-Bairro: Garotos-Candéal quem vê do Vidigal o mar e as ilhas alagado, palafita seco açude sangrado, chapadão	o que vive da seca do sertão o que vem na contramão o doutor o que tem talher de prata gordo na contradição o maná da criação campeão vídeo da favela naval trens da alegria de Brasília Brasil-Globo de Roberto Marinho quem das ilhas vê o Vidigal Avenida Paulista

Formam um grande coro de vozes, porque “cantam” juntos, o pobre e o rico; o explorado e o explorador; o que toma os trens de subúrbio da estação Central, no Rio de Janeiro, e o político com emprego arranjado, em Brasília; o que trabalha e não ganha e o que ganha e não trabalha; o que empata – *zero a zero* – e, mesmo assim, é *campeão(4)*; o que *vai* e o que *vem*, neste país, na contramão. Como diz o refrão:

*A gente é torto igual
Garrincha e Aleijadinho
Ninguém precisa consertar
Se não der certo, a gente se vira sozinho
Decerto então nada vai dar.*

Esse retrato da sociedade brasileira, mostrado pelo discurso musical sobre ela, conta um pouco da história do país. O Brasil da dor e o Brasil da esperança, dos pobres e dos ricos, dos jovens e dos velhos, dos homenageados e dos esquecidos, dos que já passaram e dos que aqui estão parecem um só e muitos ao mesmo tempo. Os compositores construíram um discurso sobre o Brasil, que resumimos no Quadro II, com as duas canções escolhidas, dentre tantas representativas do sentimento nacional.

Quadro II. Comparação entre o país de *Aquarela do Brasil* e o país de *A cara do Brasil*.

Aquarela do Brasil – 1939	A Cara do Brasil – 1999
Brasil sem contrastes (escondiam-se) o que não fica com sede maravilhas nem pobre, nem rico valorização da natureza fartura representação da Bahia certezas país do samba trovadores, poetas, descendentes de escravos	Brasil de contrastes (dois Brasis) o que tem sede X o que explora a seca o explorado X o explorador o pobre X o rico Surgimento da favela Fome Representação de vários estados e regiões: Rio de Janeiro, Brasília, Norte e Nordeste dúvidas, indagações país do futebol Trabalhadores, favelados, jogadores de futebol, ladrões, doutores, personalidades

Do ufanismo exacerbado ao grito de revolta, pudemos entrever períodos da história sócio-política do país em que a produção do sentido, nas canções brasileiras, percorre caminhos em busca de preciosas metáforas de onde brota a crítica velada aos detentores do poder. De ditaduras cruéis a democracia(s)

De Aquarela até a Cara do Brasil: um discurso polifônico

questionada(s) pelos brasileiros, passamos pela demonstração de confiança nos destinos da nação e pela constatação das enormes dificuldades a enfrentar, muito mais do que por esperança de soluções para as mazelas sociais. Buscamos explicações para cada situação pela qual passamos até nos idos da História do país.⁵

O discurso polifônico mostra um diálogo que conta a história do país sob a ótica do povo, dos governantes e dos compositores. Na ditadura de Vargas, vimos crescer o discurso ufanista; na ditadura militar, surgiu um discurso com perspectiva crítica e reveladora, apesar (e por causa) da censura. Em meio à supressão das liberdades democráticas, a insatisfação do povo começou a vir à tona no discurso da música brasileira. Hoje, as letras falam – e podem falar – sobre os problemas da nação. Revela-se, aí, uma terra de contrastes, fruto da soma de valores antagônicos: dor e belezas naturais, amores e problemas sociais, revolta e amor à pátria.

Houve grande mudança na forma de falar sobre a nação, nesse período percorrido. O país do samba passou a ser o país do carnaval e do futebol. E parece que alguns problemas aumentaram, à medida que o país cresceu. Falar em corrupção ou favela, não cabia no cenário da década de 30, ou melhor, em seu discurso, porque a realidade era outra, como o contexto histórico-social explica. Hoje, a situação da sociedade brasileira tem se agravado, no aspecto social, e os problemas da nação refletem-se nas canções do final do século XX. Mesmo assim, a esperança – embora *equilibrista*⁶ – e a fé do brasileiro não abandonam seu lugar. Oxalá possamos cantar novos amores e sem velhos problemas nas letras musicais do novo século.

A importância do discurso sobre a história da nação dá-se pela forma como ele a conta, como a textualiza; se não somente pela voz do povo, ao menos por uma linguagem a ele dirigida, de modo que ele pode cantá-la e bradar a todos, em uma espécie de catarse coletiva. Importa, também, pela valorização da memória no campo do discurso musical, pois as canções (quase) perpetuam a memória histórica sobre o país (Courtine, 1999). É claro que houve aí uma escolha ao se elegerem certos enunciados que remetem a determinados episódios e não a outros. Alguns foram lembrados; outros, esquecidos.

NOTAS

⁽¹⁾ Este artigo é parte de uma pesquisa em que foram selecionadas sessenta letras de música sobre o Brasil, de 1939 a 1999, de autores e gêneros musicais diferentes, das quais vinte foram analisadas. A pesquisa contou com a participação de duas bolsistas do PIBIC-CNPq, do IL da PUC-Campinas, Maria Camila Bedin e Renata Siqueira Tufano.

- ⁽²⁾ Reproduzimos as duas letras de música ao final.
- ⁽³⁾ Gravação: CD *Olhos de Farol*, Ney Matogrosso, PolyGram, 1999.
- ⁽⁴⁾ Na partida final da Copa do Mundo de Futebol, em 1994, em Toronto, no Canadá, o Brasil foi Campeão do Mundo vencendo a Itália nos pênaltis, após um sofrido jogo que finalizava com zero a zero.
- ⁽⁵⁾ Consideramos, aqui e no parágrafo a seguir, outras canções que analisamos.
- ⁽⁶⁾ A letra da música *O bêbado e a equilibrista*, de João Bosco e Aldir Blanc, mostra, em meio a muita dor, a esperança que se equilibra na corda bamba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIL CULTURAL, *Getúlio Vargas. Edição Histórica*. São Paulo: Abril, s.d.
- BARBI, S.H. A teoria polifônica de Ducrot e a análise do discurso. *Revista de estudos da linguagem*. v.8, n.1, Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. BARROS, D.L.P. de e FIORIN, J.L. (orgs.) *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- COURTINE, J-J. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. INDURSKY, F. e FERREIRA, M.C.L. (orgs.) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- SEVERIANO, J. e MELLO, Z.H. de. *A canção no tempo. 85 anos de músicas brasileiras*. v. 1: 1901-1957, São Paulo: Editora 34, 1998.

De Aquarela até a Cara do Brasil: um discurso polifônico

AQUARELA DO BRASIL

Ary Barroso, 1939

*Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos.*

*Ó Brasil, samba que dá
Bamboleio que faz gingar
O Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor
Brasil, pra mim, pra mim, pra mim.*

*Abre a cortina do passado
Tira a mãe preta do serrado
Bota o rei congo no congado
Brasil, pra mim.
Deixa cantar de novo o trovador
A merencória luz da lua
Toda a canção do meu amor
Quero ver essa dona caminhando
Pelos salões arrastando
O seu vestido rendado
Brasil, pra mim, pra mim, pra mim.*

*Brasil terra boa e gostosa
Da morena setrosa
De olhar indiscreto.*

Ó Brasil samba que dá [...]

*Ó esse coqueiro que dá coco
Onde amarro a minha rede
Nas noites claras de luar
Brasil, pra mim
Ah ouve essas fontes murmurantes
Onde eu mato a minha sede
E onde a lua vem brincar
Ah esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil brasileiro
Terra de samba e pandeiro
Brasil, pra mim, pra mim, Brasil...*

A CARA DO BRASIL

Celso Viáfora e Vicente Barreto, 1999

*Eu estava esparramado na rede
 Jeca urbanóide de papo pro ar
 Me bateu a pergunta meio a esmo:
 Na verdade, o Brasil o que será?
 O Brasil é o homem que tem sede
 Ou o que vive da seca do sertão?
 Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo
 O que vai e o que vem na contramão?
 O Brasil é um caboclo sem dinheiro
 Procurando o doutor nalgum lugar
 Ou será o professor Darcy Ribeiro
 Que fugiu do hospital pra se tratar?*

*A gente é torto igual
 Garrincha e Aleijadinho
 Ninguém precisa consertar
 Se não der certo, a gente se vira sozinho
 Decerto então nada vai dar.*

*O Brasil é o que tem talher de prata
 Ou aquele que só come com a mão?
 Ou será que o Brasil é o que não come
 O Brasil gordo na contradição?
 O Brasil que bate tambor de lata
 Ou que bate carteira na estação?*

O Brasil é o lixo que consome

*Ou tem nele o maná da criação?
 Brasil, Mauro Silva, Dunga e Zinho
 Que é Brasil zero a zero e campeão
 Ou o Brasil que parou pelo caminho
 Zico, Sócrates, Júnior e Falcão.*

A gente é torto igual (...)

*O Brasil é uma foto do Betinho
 Ou um vídeo da favela naval?*

De Aquarela até a Cara do Brasil: um discurso polifônico

*São os trens da alegria de Brasília
Ou os trens de subúrbio da central?
Brasil-Globo de Roberto Marinho
Brasil-Bairro: Garotos-Candeal?
Quem vê do Vidigal o mar e as ilhas
Ou quem das ilhas vê o Vidigal?
O Brasil alagado, palafita?
Seco açude sangrado, chapadão?
Ou será que é uma Avenida Paulista?
Qual a cara da cara da nação?*

A gente é torto igual (...)